



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14690838>

e-ISSN: 2177-8183

**DIMENSÕES DO LETRAMENTO MIDIÁTICO EM ENTREVISTAS NO JORNAL
ESCOLAR**

***DIMENSIONS OF MEDIA LITERACY IN SCHOOL NEWSPAPER
INTERVIEWS***

***DIMENSIONES DE LA ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA EN LAS ENTREVISTAS
DE LOS PERIÓDICOS ESCOLARES***

Giselle Bezerra Mesquita Dutra
gibmdutra@gmail.com
Doutoranda em Educação (UFC)
Universidade Federal do Ceará

Messias Dieb
mhdieb@gmail.com
Doutor em Educação (UFC)
Docente da Universidade Federal do Ceará

Adriana Leite Limaverde Gomes
adrianalimaverde@ufc.br
Doutora em Educação (UFC)
Docente da Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Na presente pesquisa, do tipo qualitativa, analisamos o gênero entrevista em jornais escolares, fundamentados nas quatro dimensões do letramento midiático de Buckingham (2010): representação, língua, produção e audiência. As entrevistas foram realizadas por estudantes de um Clube do Jornal e publicadas em três edições ao longo de 2017, em uma escola pública de Fortaleza, Ceará. A análise mostra que, na representação, os estudantes refletem uma singularidade escolar, influenciada por suas vivências e interesses. Na língua, as entrevistas não seguem rigorosamente as convenções do gênero e apresentam desvios linguísticos significativos. Em termos de produção, foi observado um padrão fixo de perguntas aos entrevistados, com a

presença constante de um professor orientador. Em relação à audiência, os estudantes buscam se conectar com os leitores, projetando-se neles e incluindo mensagens pessoais nas entrevistas. Em resumo, apesar das limitações técnicas, as entrevistas revelam originalidade na expressão dos estudantes.

Palavras-chave: Entrevista. Jornal Escolar. Letramento Midiático. Clube do Jornal. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

In this qualitative research, we analyze the interview genre in school newspapers, guided by Buckingham's (2010) media literacy framework, which includes representation, language, production, and audience. The interviews, produced by elementary school students of a Journalism Club, were published in three editions in 2017 at a public school in Fortaleza, Ceará. The analysis shows that students' representations reflect a school-specific singularity, influenced by their experiences and interests. The language used in the interviews does not strictly follow the genre's conventions and includes notable linguistic deviations. The production process involves a fixed set of questions and the continuous presence of a supervising teacher. Concerning the audience, students project themselves into their readers, incorporating personal messages into the interviews. Despite technical limitations, the interviews reveal elements of originality in the students' expression.

Keywords: Interview. School Newspaper. Media Literacy. Journalism Club. Elementary Education.

RESUMEN

En esta investigación cualitativa, analizamos el género de la entrevista en periódicos escolares, a partir de las cuatro dimensiones de la alfabetización mediática de Buckingham (2010): representación, lenguaje, producción y audiencia. Las entrevistas fueron realizadas por alumnos de un club de periódicos y publicadas en tres ediciones a lo largo de 2017, en una escuela pública de Fortaleza, Ceará. El análisis muestra que, en términos de representación, los alumnos reflejan una singularidad escolar, influenciada por sus experiencias e intereses. En términos de lenguaje, las entrevistas no siguen estrictamente las convenciones del género y presentan desviaciones lingüísticas significativas. En cuanto a la producción, se observa un patrón fijo de preguntas a los entrevistados, con la presencia constante de un profesor guía. En cuanto a la audiencia, los alumnos intentan conectar con los lectores, proyectándose en ellos e incluyendo mensajes personales en las entrevistas. En resumen, a pesar

de las limitaciones técnicas, las entrevistas revelan originalidad en la expresión de los alumnos.

Palabras clave: Entrevista. Periódico escolar. Alfabetización mediática. Club del periódico. Escuela primaria.

INTRODUÇÃO

Sobre o termo mídia, Bonini (2011, p. 156) afirma que se trata de uma “tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação. Cada mídia [...] pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem”. Sob essa perspectiva, vale defender que atividades midiáticas, como a escrita do jornal escolar, são relevantes no ambiente educacional pois promovem uma dinâmica que valoriza o protagonismo, a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes (Brasil, 2018). Muniz e Cruz (2023, p. 4) defendem essa mesma ideia quando afirmam que “a educação ‘através’ da mídia está relacionada à habilidade de produção que ela possibilita enquanto instrumento de criação e de autoria em atividades práticas voltadas para o protagonismo dos sujeitos de aprendizagem”.

Baltar (2010) aprofunda essa perspectiva ao discorrer que a mídia deve estar não apenas na escola, mas ser parte intrínseca dela. Isso reforça a necessidade de se criar um canal de interação que cultive o letramento midiático. A partir dessa noção quanto ao tema aqui em estudo e de sua relevância, nesta pesquisa, ancoramo-nos nos conceitos de letramento midiático de Buckingham (2010), os quais são: representação, língua, produção e audiência, para analisar o gênero entrevista em jornais escolares produzidos por estudantes de um Clube do Jornal em uma escola pública de Fortaleza, Ceará.

Quanto às dimensões de Buckingham (2010), a representação envolve as escolhas conscientes e inconscientes dos alunos em relação à mídia escolar. Enquanto isso, a língua é vista como um elemento de interação, englobando o uso de códigos e convenções do gênero textual/discursivo e da gramática. A produção, por sua vez, refere-se às práticas de letramento situadas, exigindo decisões, subjetividades e papéis sociais para a concretização das mídias escolares. Por fim, a audiência está intimamente ligada aos demais conceitos, pois conhecer o destinatário do texto permite ajustar as representações, o uso da língua e a própria produção midiática. Assim sendo, argumentamos que a integração desses aspectos na escola é crucial para o desenvolvimento do letramento midiático desde a educação básica. E, neste estudo em particular, observaremos como isso aconteceu considerando o gênero entrevista.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa (Martins, 2004), investigando, como já informado, o gênero entrevista em jornais escolares. Esses jornais foram produzidos por estudantes do ensino fundamental e as entrevistas neles publicadas foram analisadas discursiva e linguisticamente à luz dos aspectos do letramento midiático propostos por Buckingham (2010): representação, linguagem, produção e audiência. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública de tempo integral no município de Fortaleza (CE), que, por questões éticas, será referida, neste texto, como Escola da Imprensa.

Os participantes do estudo foram estudantes dos anos finais do ensino fundamental, membros de um Clube do Jornal existente naquela escola. Vale destacar que as escolas municipais de tempo integral em Fortaleza frequentemente oferecem clubes que permitem aos alunos se envolverem em atividades extracurriculares,

como, por exemplo, a produção de jornais escolares. No período da investigação, o Clube do Jornal contava com 25 estudantes, sendo 21 do 6º ano e 4 do 7º ano.

A pesquisa cumpriu todos os requisitos do Comitê de Ética, incluindo a obtenção do Termo de Consentimento dos responsáveis e do Termo de Assentimento dos próprios estudantes. Esta investigação é parte de uma pesquisa maior, a qual se encontra relatada em uma dissertação de Mestrado em Educação da primeira autora e, ocasionalmente, referenciaremos essa publicação original (Dutra, 2018). O estudo foi realizado ao longo do ano de 2017.

Para isso, foram recolhidas e analisadas três edições impressas do jornal escolar, publicadas em maio, junho e outubro de 2017, focando-se em diversos gêneros discursivos/textuais produzidos pelos discentes. Este texto, no entanto, concentra-se apenas na análise do gênero entrevista, devido a sua presença marcante em todas as três edições e a sua importância nas publicações midiáticas, tanto convencionais quanto escolares. A análise foi conduzida a partir de uma perspectiva linguística e discursiva, com base nos aspectos do letramento midiático delineados por Buckingham (2010), já explicados anteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em um livro didático de Cereja e Magalhães (2015), direcionado a estudantes do sétimo ano do ensino fundamental, esses autores definem entrevista da seguinte maneira.

Em linguagem jornalística, entrevista é o texto resultante de um encontro previamente marcado entre duas pessoas no qual uma interroga a outra sobre sua profissão, suas ações, suas ideias. O entrevistado é quase sempre uma figura de destaque num determinado campo da vida social e é quem autoriza ou não a publicação de suas declarações (p. 22 – grifo dos autores).

Parece-nos relevante destacar esse breve conceito acerca do gênero aqui em estudo em uma publicação direcionada para estudantes do ensino fundamental – anos finais – uma vez que se trata do perfil dos estudantes do Clube do Jornal que escreveram as entrevistas analisadas neste artigo. Vejamos, no quadro a seguir, a reprodução escrita de cada entrevista, com o máximo de semelhança ao que se encontra efetivamente nos exemplares impressos, conforme já explicado, e pontuando também que todos os nomes reais foram substituídos por nomes fictícios.

Quadro 1 – As Entrevistas dos jornais 1, 2 e 3 (maio, junho e outubro de 2017)

JORNAL 1	JORNAL 2	JORNAL 3
Entrevista: Luiz Alves (duas fotografias do professor entrevistado com alunas)	Entrevista com Vânia Maia (duas fotografias da professora entrevistada)	Entrevista com Talita:
<p>O clube do Jornal fez uma entrevista com o professor mais conhecido com o professor da poesia. Sim, eu estou falando dele, o professor Luiz Alves de 47 anos. Luiz entrou em Escola da Imprensa no ano de 2005 encinando a diciplina de língua portuguesa. Ensina atualmente aos 3 sétimos anos. O aluno preferido do 7A é o aluno Carlos Silva, e a aluna preferida do 7B é a Sara. É Professor Diretor De Turma do 7B. Nasceu na cidade de Caridade, no Ceará. Gosta de trabalhar de professor e diz que sonhava ser desde criança. É representante do clube da poesia, clube da leitura e do teatro. No dia 12/04/2017 Luiz Alves e mais alguns alunos do clube da poesia, foram a escola ETI, pois lá havia uma reunião de diretores de escolas. Os títulos dos poemas apresenados foram Memórias do escritor C. D. A, Não Sei da escritora Cora Coralina, e Cabra Da Peste de Patativa do Assaré.</p>	<p>O clube do jornal fez uma entrevista com a professora Vânia Maia de 43 anos de idade. Entrou na Escola da Imprensa no ano de (2015/2016). Atualmente ensina as séries 8 (oitavos) e 9 (nonos) anos. É Professora Diretora De Turma do 8C. Nasceu na cidade de São Benedito no Ceará. Suas turmas preferidas é “todas”, mas será?</p> <p>Vânia diz que desde criança sonhava em ser professora, ensina na eletiva de inglês e seu recado para os alunos é:</p> <p><i>“Estudar e adquirir conhecimento são o melhor caminho.”</i></p>	<p>O clube do jornal fez uma entrevista com a professora Talita de 24 anos. Entrou na Escola da Imprensa no ano de 2017. Ensina aos sétimos e oitavos, é PDT do 7º Ano C, nasceu na cidade de Fortaleza – CE. Talita diz que quando criança sonhava em ser professora.</p> <p>A frase de Talita é: - <i>“É um grande prazer estar nessa escola e ter conhecido cada um de vocês, poder ensinar e aprender com vocês.”</i></p>

RECADO DE LUIZ: Muito obrigado e um abraço a todos do clube da poesia.		
--	--	--

Fonte: elaborado pelos autores com base no acervo de Dutra (2018, p. 121).

Após a exposição do quadro, recorreremos a seguir à análise dos aspectos conceituais do letramento midiático, como: representação, língua, produção e audiência, em cada entrevista. Sobre a representação, como os textos jornalísticos têm a função de estabelecer basicamente mediação informativa e opinativa entre redator e leitor, é natural que os gêneros dessa esfera comunicativa sofram motivações de representação entre esses interlocutores. Em outros termos, até mesmo a escolha de determinado assunto, por exemplo, perpassa certas questões, como: motivações, valores ideológicos, vivências, preferências, crenças, autoridade, confiabilidade e tendência (Buckingham, 2010). No caso das entrevistas analisadas, é fácil perceber que todas representam o mundo da escola, procurando divulgar detalhes de alguns professores e de sua participação no contexto da instituição.

Quanto à escolha dos docentes que participam da entrevista, fica nítido que a seleção coincide com um professor de destaque naquele meio social. Dessa forma, não é difícil inferir que tal escolha é guiada pela representação de que, dessa opção, pode depender o sucesso ou o fracasso da publicação. Portanto, são nessas escolhas que reside uma competência acentuada dos estudantes do Clube do Jornal quanto às práticas de letramento midiático, uma vez que a história de vida desses professores e o que eles têm a dizer é importante em função de estabelecer um certo estreitamento das relações entre grupos docente e discente. Isso, em qualquer instituição pedagógica - principalmente em uma de tempo integral - é de salutar significação no processo de ensino-aprendizagem; afinal, quando a relação entre educador e educando é de empatia, de respeito e de colaboração, mais agradável se torna ensinar e aprender (Freire, 2014).

Assim sendo, através das entrevistas, eles não divulgam apenas as histórias de vida de cada professor, mas também tomam decisões de escrita e exercem singularidades (Possenti, 2002). Isso se justifica porque, ao selecionar cada detalhe da publicação do jornal escolar, como por exemplo quem vai ser o entrevistado daquela edição, a forma como os redatores desenvolvem a sua produção escrita se coaduna com os interesses do público leitor, que são primordialmente os estudantes da instituição, na intenção de também agradá-los com indícios de ludicidade.

Com base nesses aspectos, podemos compreender que, ao tornar a edição jornalística um sucesso dentro do ambiente escolar, isso sinaliza para uma nova lógica da audiência pretendida. Aparentemente focada nos estudantes da escola, ela se torna, por um lado, muito positiva porque desconstrói a ideia de que a leitura do que se produz nesse ambiente tem sua ênfase somente na leitura do professor como um corretor gramatical.

O que é mais importante, portanto, é compreendermos como os elementos da autoridade, da confiabilidade e da tendência dos editores (Buckingham, 2010) materializam a edição do jornal. Em relação às entrevistas, podemos verificar que, sobre a escolha da figura do professor, paira sutilmente mais que um simples fascínio dos estudantes. Possivelmente exista uma intencionalidade velada de apontar para os demais professores da escola quem tem ou quem não tem a admiração deles.

Ademais, na representação dos estudantes, sendo o professor aquele sujeito cujo papel social é o de alguém que exerce autoridade na escola, essa autoridade é também o que o faz ser pauta da reunião do clube. Não por acaso, a imagem e a história de vida do professor são destaque em todos os três exemplares, sendo a entrevista sempre o primeiro gênero discursivo/textual disposto no papel. Assim, o professor entrevistado é aquele que inspira confiabilidade e sugere uma tendência, pois, no caso em questão, é a voz que discursa nas entrevistas.

Uma vez que a mídia convencional busca informar e/ou esclarecer aos interlocutores fatos e assuntos que estão em destaque internacional, nacional,

regional e/ou local, da mesma forma isso ocorre no caso das entrevistas que analisamos nas produções do Clube do Jornal. Quando o professor expõe quais turmas e alunos são os preferidos, isso certamente passa a ter relevância e destaque acentuados dentre os estudantes-leitores. Afinal, ao se notarem representados no jornal como sendo os preferidos do professor, esses discentes passam a ser referência na comunidade escolar como estudiosos e participativos; atitudes estas que são, segundo eles, dignas de publicação no jornal escolar.

Mediante tais aspectos, vimos que o movimento midiático de divulgar o que é confiável e de forma também confiável, assim como de abordar o que é tendência entre os alunos, testifica que, mesmo envoltos em uma singularidade escolarizada de temáticas e de pessoas, os autores-jornalistas apresentam um bom nível de letramento midiático. No que concerne ao gênero entrevista, os estudantes acabam, mesmo que intuitivamente, marcando o seu lugar no mundo (Bazerman, 2005).

Quanto ao uso da língua – outra dimensão de Buckingham (2010) - o letramento midiático eficaz é construído a partir da proficiência por parte de seus usuários, compreendendo como a gramática, os códigos e as convenções atrelados aos gêneros que compõem essa esfera comunicativa funcionam. Nisso, o considerado letrado na perspectiva midiática é aquele que desenvolve com satisfatoriedade os mecanismos internos de escrita desses gêneros discursivos/textuais e que tem a capacidade analítica em relação às várias possibilidades languageiras desse discurso. No caso das entrevistas analisadas, um primeiro destaque é o conhecimento incompleto que os estudantes têm em relação à estrutura desse gênero.

Essa ocorrência é facilmente visualizada diante de uma breve leitura dessas produções, nas quais os estudantes escrevem um texto corrido a partir das perguntas prévias que foram direcionadas a todos os entrevistados: no caso, três diferentes docentes da instituição. Como vimos, os estudantes conduzem as três materializações textuais dando ênfase, no decorrer do texto das entrevistas, às tipologias narrativa e

descritiva em um único parágrafo, não configurando os principais aspectos retóricos do gênero em questão.

De modo mais proficiente, e, se tivessem orientação adequada, eles deveriam apresentar uma breve introdução para esclarecimentos prévios em relação ao entrevistado, seguida das perguntas e das respostas, ambas situadas com os nomes – geralmente as abreviações – do entrevistador e do entrevistado, antes de cada representação da fala, respectivamente. Esse movimento, típico da entrevista convencional, deveria, pois, seguir em uma repetição até o final, ou seja, até o último conjunto de perguntas e respostas.

Nessa direção, os estudantes denominam suas produções como entrevistas quando, em questões composicionais, assemelham-se mais a curtas biografias de cada professor. O resultado parece com um texto introdutório que geralmente deveria funcionar como a apresentação do educador escolhido para a entrevista. No entanto, ele é publicado como sendo a própria entrevista, sem o desenvolvimento dos trechos condizentes ao jogo de perguntas e respostas, que seria a concretização do gênero em questão. Nessa perspectiva, a produção do jornal escolar poderia ser uma estratégia de aprendizagem (Bonini, 2011) mais eficaz sobre as diversas convenções de norma e de discurso na educação básica.

Levando em conta os aspectos da língua mais voltados ao manejo normativo, a publicação das três entrevistas expõe também problemas relevantes a serem abordados. Vimos que os estudantes escritores e digitadores do jornal acabam registrando desvios que não poderiam mais estar cometendo, considerando as séries em que estudam: 6º e 7º anos. No jornal 1, por exemplo, existem sérias observações a serem pontuadas, como os desvios de escrita ligados: I) à ortografia, como: “encinando”, “diciplina”, “apresenados”; II) à ausência das aspas (ou do negrito ou do itálico) para destacar os nomes dos poemas; III) a algumas confusões entre o uso de vírgula e de ponto-e-vírgula; IV) aos desvios de pontuação, como no uso equivocado da vírgula entre sujeito e predicado em “Luiz Alves e mais alguns alunos do clube da

poesia, foram a escola ETI”; V) à ausência do acento grave no mesmo trecho anterior, em “foram a escola...”.

Dessa feita, podemos, inclusive, considerar o não uso da divisão textual em parágrafos, como também, quanto à estética do texto, destacar que a digitação não está alinhada quanto às margens, no modo justificado. Fica nítido, com tais explanações que, antes de o jornal 1 ser impresso e entregue aos leitores, não houve uma efetiva revisão da escrita dessas entrevistas por parte dos próprios estudantes tampouco por parte de algum profissional da área da linguagem, como, por exemplo, a professora de Língua Portuguesa que acompanha o CJ.

Certamente, se essa revisão tivesse sido realizada, mesmo que de modo mínimo e rápido, tais problemas, tão básicos e superficiais de escrita e de gramática, poderiam não existir na versão que foi publicada. Nesse sentido, compreendemos que o desenvolvimento do letramento dos alunos da Escola da Imprensa, no que concerne à organização do jornal escolar, apresenta igualmente uma certa carência de práticas reais de produção de textos da vida cotidiana – incluindo os jornalísticos nesse contexto – que deveriam seguir toda uma trajetória de planejamento, operação e revisão/reescrita (Antunes, 2003).

Já nos jornais 2 e 3, acontecem poucos desvios linguísticos nos textos das entrevistas, mas alguns deles ainda persistem. No segundo exemplar, a irregularidade de maior destaque é a contravenção quanto à concordância verbal em “Suas turmas preferidas é ‘todas’”. No jornal 3, somente a ausência da vírgula é o que se pode notar entre o nome da professora e sua idade, bem como a falta das vírgulas para separar a expressão adverbial temporal “quando criança”. Ainda sobre o terceiro exemplar, é conveniente lembrar que houve uma participação do professor de Informática realizando ajustes de formatação, o que possivelmente possibilitou com que esse ator pedagógico pudesse ter realizado melhorias de ordem gramatical. Diante disso, seguimos com a ideia de que os agentes pedagógicos da Escola da Imprensa poderiam utilizar mais intensamente o jornal escolar como um aliado no

desenvolvimento de efetivas práticas letradas dos estudantes (Bonini, 2011) integrando discursividade com habilidades linguísticas.

A partir daqui a abordagem do letramento midiático será a produção. Para Buckingham (2010), diz respeito aos elementos envolvidos no processo de letramento, pensando em quem comunica, para quem e o porquê, dentro de uma perspectiva de publicação, de promoção e de patrocínio. No caso do CJ, compreendemos que as entrevistas foram produzidas seguindo preceitos de um gênero midiático-escolar (Baltar, 2010) pois se configuraram situadas nas influências que o contexto educacional exerce sobre os estudantes e sobre seus leitores.

Portanto, realizar entrevistas com os docentes e divulgá-las cumpre esse objetivo de maneira eficaz; afinal, os estudantes de ensino fundamental certamente têm curiosidades acerca da vida de seus professores – o que coaduna com o interesse da audiência principal. Ao investigarmos sobre a produção das entrevistas, observamos que existe um roteiro padronizado de perguntas, o qual está transcrito a seguir, inclusive conservando os desvios de linguagem existentes no caderno do editor-chefe do clube.

Perguntas para entrevistas. 1. Qual nome completo? 2. Quantos anos tem? 3. Entrou na Escola da Imprensa em que ano? 4. Encina que série? 5. É PDT de que série? 6. Nasceu em que cidade? No Ceará? 7. Séries favoritas? 8. Aluno preferido? 9. Queria ser o que crescer? 10. É representante de que clube? 11. Deixe seu recado para os alunos (Dutra, 2018, p. 128).

A partir do conjunto dessas perguntas fixas, que mais parece um questionário a ser preenchido do que perguntas a serem respondidas e comentadas em uma entrevista, existe uma apresentação do professor, que tem a intenção de divulgar detalhes de sua biografia. Assim, percebemos que os produtores do jornal exercem certas práticas sociais da escrita, segundo Buckingham (2010), quando refletem sobre: o lugar de fala deles (“quem está comunicando” – que são os estudantes do CJ); o alcance dos seus destinatários (“para quem”, que é a comunidade escolar,

principalmente, os alunos da escola); e o motivo dessa organização enunciativa/textual (“por quê”, ou seja, a importância de conhecer a vida dos professores mais queridos e, assim, estabelecer a valorização da convivência).

A fragilidade que percebemos está, porém, na escassa amplitude desse letramento relativo à produção das entrevistas, pois ele poderia ter mais indícios daquilo que Street (2014) considera como ideológico. Exemplos desses indícios poderiam ser dados com maior variedade e inovação de questionamentos dependendo do entrevistado; inserção de perguntas mais gerais acerca da vida do entrevistado, sem tanta delimitação ao contexto escolar; alcance de entrevistados dentro e fora da instituição educacional; escrita mais condizente com a composição do gênero; e uma maior participação de todos os integrantes do CJ, inserindo novas perguntas fora do modelo prototípico montado pelo presidente do grupo.

Ao contrário disso, essa prática de escrita fica restrita aos personagens e às ações da escola, e focada na figura do professor. Em outros termos, consideramos que os estudantes-jornalistas poderiam ampliar as possibilidades de entrevistados, podendo, por exemplo, saírem à comunidade externa procurando conhecer moradores do bairro que esboçam experiências dignas de divulgação por meio de entrevistas, como: artistas, poetas, cantores, cordelistas, pequenos empresários, pessoas solidárias, dentre tantas outras com habilidades que poderiam ser destaques para a produção de uma entrevista.

Dessa forma, entendemos que um conjunto fechado de questionamentos ao entrevistado e a presença contínua de um professor da escola para fazer parte desse processo são vivências que podem, ao longo do tempo, tornarem-se limitadoras da ampliação do letramento midiático desses estudantes, corroborando com a tese de Street (2014) acerca do letramento autônomo e homogeneizante, representado por um conjunto escolarizado de práticas de escrita com fim em si mesmo. Percebemos, ainda, que o texto da entrevista do jornal 1 foge um pouco ao roteiro de perguntas

estabelecido, trazendo pequenas ampliações nas informações sobre o professor, pois esboça os seguintes aspectos:

professor mais conhecido com o professor da poesia. Sim, eu estou falando dele [...] No dia 12/04/2017 Luiz Alves e mais alguns alunos do clube da poesia, foram a escola ETI, pois lá havia uma reunião de diretores de escolas. Os títulos dos poemas apresentados foram Memórias do escritor C. D. A. Não Sei da escritora Cora Coralina, e Cabra Da Peste de Patativa do Assaré (Dutra, 2018, p. 129).

Existe, nesse trecho, uma passagem em que o seu redator dialoga sutilmente com os leitores, e uma outra na qual ele desenvolve a pequena narração de uma atividade que o professor, em questão, realizou como representante do Clube da Poesia. Isso, entretanto, não ocorre nas demais entrevistas publicadas, pois as outras produções – jornais 2 e 3 – seguem o tal *script* delimitado, pautado nas onze perguntas destacadas anteriormente.

Quanto ao tripé de ações, mencionado por Buckingham, para descrever a produção de gêneros da esfera midiática – publicação, promoção e patrocínio –, os enunciados/textos transcritos, que os estudantes intitulam como “entrevistas”, apresentam características evidentes de uma mídia que, embora cumpra a prática social de comunicação entre quem escreve o jornal e quem o lê, continua escolarizado no sentido de não favorecer questões mais amplas e críticas das relações sociais que configuram a escola e seu entorno.

Essa situação é verificável facilmente também quando observamos a má qualidade da impressão e da formatação, o que pode denotar, de certo modo, pouco interesse da escola, como instituição que patrocina essa produção, em abrir espaços para o debate de questões que possam ser polêmicas e questionadoras. Dessa feita, a produção de “entrevistas” que abordam a vida dos educadores, pautadas por um roteiro de perguntas quase imutável de uma edição para a outra, comprova como esse gênero precisa avançar entre os estudantes em termos de produção inventiva, criativa e reflexiva (Reinaldo, 2005).

Outra verificação acerca da produção é que, nos jornais 1 e 2, as entrevistas vêm acompanhadas por duas fotografias do professor entrevistado em cada uma das edições. No primeiro jornal, por exemplo, as fotografias mostram o docente com duas alunas diferentes, enquanto; no segundo, as duas fotografias que o clube dispôs foram da professora entrevistada. No terceiro jornal, a entrevista já não apresenta fotografias, compondo-se apenas de texto verbal. Isso testifica a ausência de um padrão estético de produção entre as edições.

Entendemos que os exemplares do jornal escolar podem – e devem – esboçar diferenças a fim de alcançar melhorias, mas isso não se trata do caso que estamos analisando. Apesar de alguma regularidade na produção escrita dos gêneros publicados, vimos que essa produção não segue um projeto gráfico que identifique a seção específica do gênero. Nesse sentido, um exemplo são as imagens relativas às entrevistas que, por sua vez, não dispõem de legendas que poderiam auxiliar o leitor para um melhor entendimento.

Diante de todas essas observações acerca da produção das entrevistas, concluímos que existe um desejo evidente para que esse gênero seja produzido, promovido e publicado em todas as edições. A intencionalidade que embasa esse desejo é a de divulgar, para a toda a comunidade escolar, algumas informações acerca da vida de um(a) professor(a) previamente escolhido(a) pelos membros do clube e, prioritariamente, situar sua importância dentro do ambiente escolar. Para isso, os estudantes o(a) interrogam acerca do tempo de serviço em que trabalha na instituição, sobre as turmas em que leciona, as séries e os alunos preferidos e sobre a sua atuação como diretor de turma, quando é o caso. No final, existe sempre a exigência de expor um recado do docente para os estudantes que leem os jornais.

Seguindo, porém, uma formulação engessada pelo presidente do jornal, na qual a entrevista é elaborada através das mesmas perguntas, independentemente da biografia do entrevistado, fica nítido que existem fragilidades quanto ao letramento dos estudantes para essa atividade, pois eles ficam alheios a outras práticas sociais

de escrita. Na função de entrevistador, eles poderiam procurar conhecer previamente a vida do entrevistado, para, assim, proceder à elaboração de perguntas sobre sua biografia. Esses aspectos são orientados, por exemplo, por Cereja e Magalhães (2015, p. 26) para estudantes de sétimo ano, sugerindo que planejem a produção do gênero entrevista da seguinte maneira:

Procurem conhecer o entrevistado e o assunto que será o foco da entrevista. Assim, se o entrevistado for, por exemplo, um escritor, procurem informar-se sobre ele, os livros que escreveu, o público a que sua obra se destina, se mantém outro trabalho em paralelo, etc. Façam um roteiro de perguntas.

O último aspecto conceitual de Buckingham (2010) tratado aqui será a audiência. A primeira passagem que colocamos em destaque é que as três entrevistas, ao final, apresentam um recado do professor entrevistado para o público-leitor do veículo comunicativo escolar, mais diretamente aos alunos da instituição. Essa audiência, que é representada pela comunidade escolar inteira é, porém, centralizada nos estudantes, e isso é comprovado pelo roteiro de perguntas para o entrevistado, no qual a pergunta 11 solicita que o docente deixe um recado para os alunos. Dessa forma, percebemos a preocupação que os elaboradores dos exemplares têm em estabelecer uma comunicação direta educador-educando.

Na verdade, o que o Clube do Jornal realiza, na perspectiva de valorização da audiência, é lançar mão de uma parte composicional da entrevista que não seria obrigatória, ampliando sua quase estabilidade conforme o que defende Bakhtin (2003), e introduzindo nela o trecho do recado ao final do enunciado/texto. Consideramos essa escolha uma construção discursiva/textual autoral e criativa uma vez que a mídia que eles produzem é diferenciada – no caso, escolar - e possibilita certas criações e recriações pautadas na audiência que se deseja alcançar.

O que, de fato, nos chamou atenção na análise desse processo foi a capacidade de essa escolha perfazer um caminho positivo para o desenvolver do

letramento midiático dos participantes do CJ. Portanto, diferentemente dos equívocos quanto à estrutura do gênero em questão, que denunciam a falta de manejo com a língua em uso – conforme já explanado -, essa inclusão dos recados de maneira destacada, sempre com a função de finalização e com letras em negrito e/ou maiúsculas, revela-nos que esses estudantes conseguem ser protagonistas no que idealizam construir em termos de escrita.

Outra consideração acerca desses recados elaborados pelos professores e divulgados via jornal é que todos revelam mensagens de agradecimento, de incentivo e/ou de reflexão. Isso nos parece uma nítida atitude de relacionamento positivo entre educadores e educandos, voltando, portanto, à perspectiva outrora defendida de que o CJ possibilita a convivência entre os atores pedagógicos (Ijuim, 2004). O interessante nesse contexto é que os estudantes incluem os professores na intenção de integrá-los ao universo estudantil. Através dessa atitude de comunicação, portanto, há o fortalecimento de sentimentos de confiança, de respeito, de amizade, de tolerância e de admiração.

Outros trechos, nas entrevistas, conduzem-nos a realçar essa intenção de chamar a atenção da audiência. Nos jornais 1 e 2, por exemplo, existem passagens que representam um diálogo direto com o leitor, como: “Sim, eu estou falando dele...” e “Suas turmas preferidas é ‘todas’, mas será?”. Esse recurso dialógico comprova o quanto a discursividade está presente na prática do jornal escolar e, através da aplicação desses componentes linguísticos, os estudantes parecem querer ampliar possibilidades de construção textual. Certamente a inclusão desses trechos conversacionais durante a escrita das entrevistas tem a finalidade também de “quebrar o gelo” no momento da leitura desses textos jornalísticos escolares.

Com essas considerações, finalizamos nossa análise acerca do quesito audiência nas entrevistas, destacando que os estudantes do Clube do Jornal têm consciência da sua própria posição enquanto audiência (leitor ou usuário), conforme o que afirma Buckingham (2010). Isso se justifica porque eles procuram alcançar seus

destinatários pensando em si próprios também, ou seja, suas elaborações textuais são desenvolvidas com o objetivo de atrair o destinatário partindo de suas próprias preferências como leitores que são. Essa válida realização derruba a perspectiva equivocada de os estudantes escreverem como mera prática de metalinguagem e somente para o professor, o que perde o sentido genuíno de interlocução, caso a atividade avaliativa docente seja a pretensão hegemônica ou única nos processos de escrita dos estudantes (Dutra; Gomes, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado sobre o gênero entrevista em jornais escolares, com base nas dimensões do letramento midiático, revelou importantes considerações sobre a prática de produção textual por estudantes do ensino fundamental. A análise evidenciou que a falta de compreensão aprofundada sobre a estrutura do gênero resultou em produções que se assemelham a biografias curtas. Por outro lado, a análise destacou que os estudantes demonstram uma certa competência em aspectos do letramento midiático, como a preocupação com a audiência e com a representação dos entrevistados.

No entanto, essa competência é limitada pelo uso de um roteiro padronizado de perguntas, o que restringe a diversidade e a profundidade das entrevistas. Isso sugere que as práticas de letramento midiático, nesses jornais escolares, ainda estão muito atreladas a uma visão escolarizada e pouco crítica acerca da comunicação e da interação social por meio do referido gênero.

Outro ponto relevante diz respeito ao uso da língua. Foi observado que os estudantes ainda cometem erros básicos de escrita e de gramática, o que poderia ser minimizado com uma revisão mais rigorosa e uma orientação pedagógica mais consistente. Esses desvios revelam, portanto, a necessidade de um maior

investimento em práticas reais de produção textual que integrem o ensino de normas gramaticais de forma mais significativa para os escritores iniciantes.

Por fim, é importante ressaltar que, para ampliar o letramento midiático dos estudantes, é fundamental incentivar a criatividade e a inovação na produção das entrevistas, bem como explorar temas e personagens além do contexto escolar. Isso poderia incluir entrevistas com membros da comunidade local, trazendo à tona experiências e histórias que enriqueceriam o letramento midiático nas publicações.

Assim, concluímos que, embora os estudantes do Clube do Jornal apresentem um bom nível de envolvimento e de interesse nessa produção, há um potencial significativo a ser explorado para o desenvolvimento dessas práticas. A superação das limitações observadas requer uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre os gêneros midiáticos, além de um apoio pedagógico mais efetivo que permita aos estudantes explorarem plenamente as dimensões do letramento midiático.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BALTAR, M. Letramentos e gêneros textuais midiático-escolares. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 177–190, jan./jun. 2010.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Org.) **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005, p 19-46.

BONINI, A. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set/dez, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Todos os textos, 7º ano**. 5. ed. São Paulo: Atual, 2015.

DUTRA, G. B. M. **O processo e o produto editorial de um jornal escolar impresso**: investigação acerca do letramento jornalístico de estudantes do ensino fundamental. 2018. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

DUTRA, G. B. M.; GOMES, A. L. L. Letramento e gêneros discursivos/textuais: a escrita na escola. **Ensino Em Perspectivas**, 3(1), 1–10 (2022).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IJUIM, J. K. **Jornal escolar e vivências humanas**: um roteiro de viagem, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

MUNIZ, E. da S.; CRUZ, D. M. Formação docente e mídia-educação mediada com utilização do jogo Comenius Pocket. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 8, p. e10815, 2023.

POSSENTI, S. Indícios de autoria. **Perspectiva**, v. 20. n. 1, p.105-124, jan./jun. 2002.

REINALDO, M. A. M. A orientação para produção de texto. *In*: DIONISIO, P.; BEZERRA, M. A. (Org.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 89-101.

STREET, B.; STREET, J. A escolarização do letramento. *In*: STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 121-144.